



Prévia do Fechamento Mensal

Agosto | 2026 — Prévia de fechamento até 26/08

Marcos Felipe Martins da Silva Praça

CNPI-T: EM-9505

Nenhuma parte do conteúdo deste canal deve ser interpretada como oferta, negociação ou solicitação de valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.

IBOV e Dólar para agosto/2026 (prévia até 26/08)

Ibovespa	US\$/R\$	Brent	Selic	Focus 2026 IPCA
174.586 pts*	R\$ 5,15	US\$ 87,84/bbl	14,00% a.a.	5,02%

* Fechamento de 26/08/2026. O Ibovespa acumula queda de aproximadamente 1,92% em agosto frente ao fechamento de julho. O índice atingiu mínima intradiária de 164.835 pts em 14/08 e recuperou cerca de 5,9% desde então. Brent: fechamento de 26/08. Fonte: B3/Bloomberg Línea, Ipeadata, Investing.com, Banco Central do Brasil e Focus de 24/08/2026. Valores parciais; o mês encerra em 31/08/2026.

Cenário

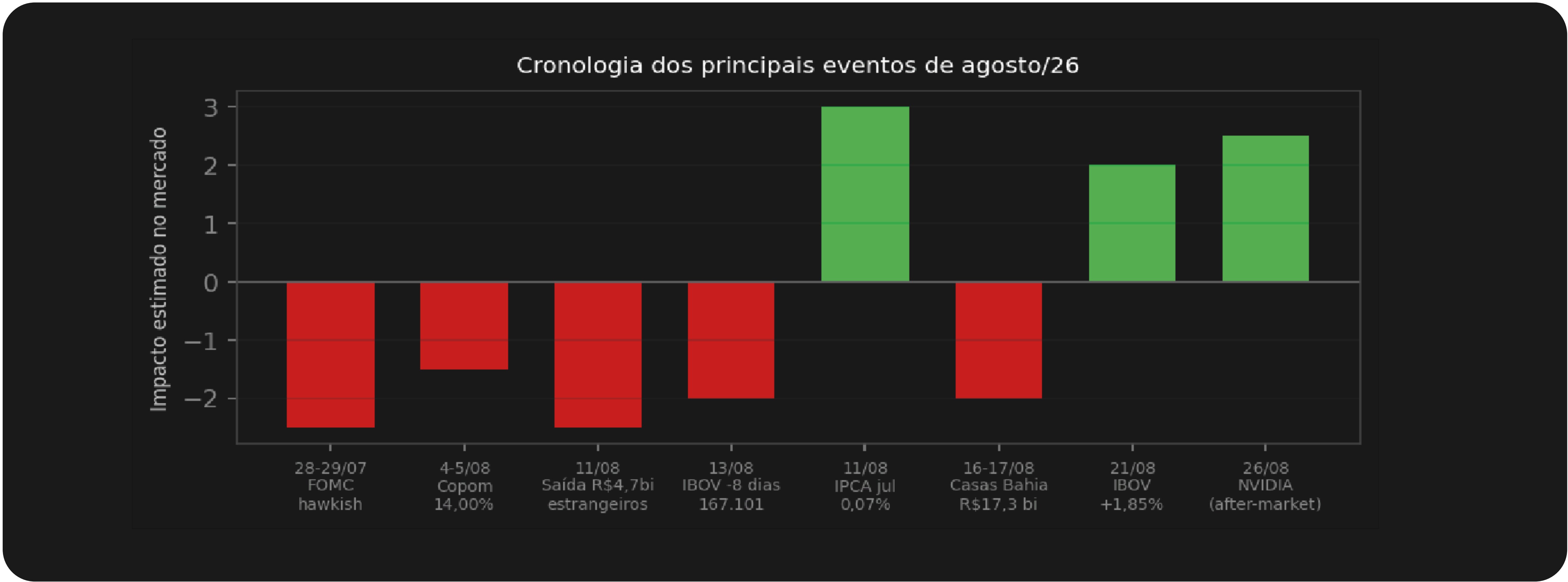
Agosto de 2026 foi o mês mais turbulento do ano. O Ibovespa sofreu a maior sequência de quedas consecutivas desde 2009: entre 4 e 13 de agosto, o índice acumulou oito pregões seguidos no vermelho, saindo de cerca de 178.000 pontos no início do mês para 167.101 pontos no fechamento de 13/08, com mínima intradiária de 164.835 pontos atingida em 14/08. Na mesma janela, investidores estrangeiros retiraram mais de R\$ 11,9 bilhões da bolsa. O mês, porém, não terminou como começou: a partir de meados de agosto, o Ibovespa recuperou cerca de 5,9% desde a mínima, fechando em 174.586 pontos no pregão de 26/08, com variação de +0,01% no dia. Divulgado após o fechamento dos mercados nesta mesma data, o balanço recorde da Nvidia tende a influenciar positivamente a abertura dos mercados globais em 27/08. O mês pode ser dividido em três atos.

O primeiro, de colapso, foi protagonizado por três choques simultâneos que se combinaram na primeira semana: o FOMC de julho surpreendeu com três diretores votando por alta de juros; o Copom cortou a Selic como esperado, mas o comunicado veio mais restritivo que o mercado havia precificado; e o risco eleitoral ganhou nova dimensão, com o Citi retirando o real de sua cesta de carry trade de emergentes e estrangeiros retirando R\$ 11,9 bilhões da bolsa até 11 de agosto. A Casas Bahia só apresentou seu pedido de recuperação judicial em 16/08, já depois de encerrada a sequência de oito quedas consecutivas.

O segundo ato foi de alívio parcial, catalisado pelo IPCA de julho, divulgado em 11 de agosto. O índice veio em apenas 0,07%, com o acumulado em 12 meses recuando de 4,64% para 4,44%. O dado reforçou a expectativa já incorporada no Focus de Selic em 13,75% ao fim de 2026. Já o terceiro ato, ainda em curso, é de recuperação moderada, sustentada pelo PMI de serviços dos EUA no maior nível em quase dois anos e pelo PCE de julho, divulgado em 26/08. O PCE avançou 0,2% no mês e 3,7% em 12 meses, enquanto o núcleo subiu 0,2% e 3,3%, respectivamente. A leitura mensal ficou próxima do esperado, mas a inflação anual veio ligeiramente acima do consenso, mantendo vivo o debate sobre uma eventual alta de juros pelo Fed. Após o fechamento dos mercados em 26/08, a Nvidia reportou resultados trimestrais recordes que tendem a reforçar o apetite por risco na abertura de 27/08.

O Focus de 24/08 projeta IPCA de 5,02% para 2026, Selic terminal de 13,75%, câmbio de R\$ 5,20 e PIB de 1,95%.

Os três atos de agosto: cronologia e reação do mercado



Elaboração própria. Impacto estimado sobre o sentimento do mercado, com fins ilustrativos.

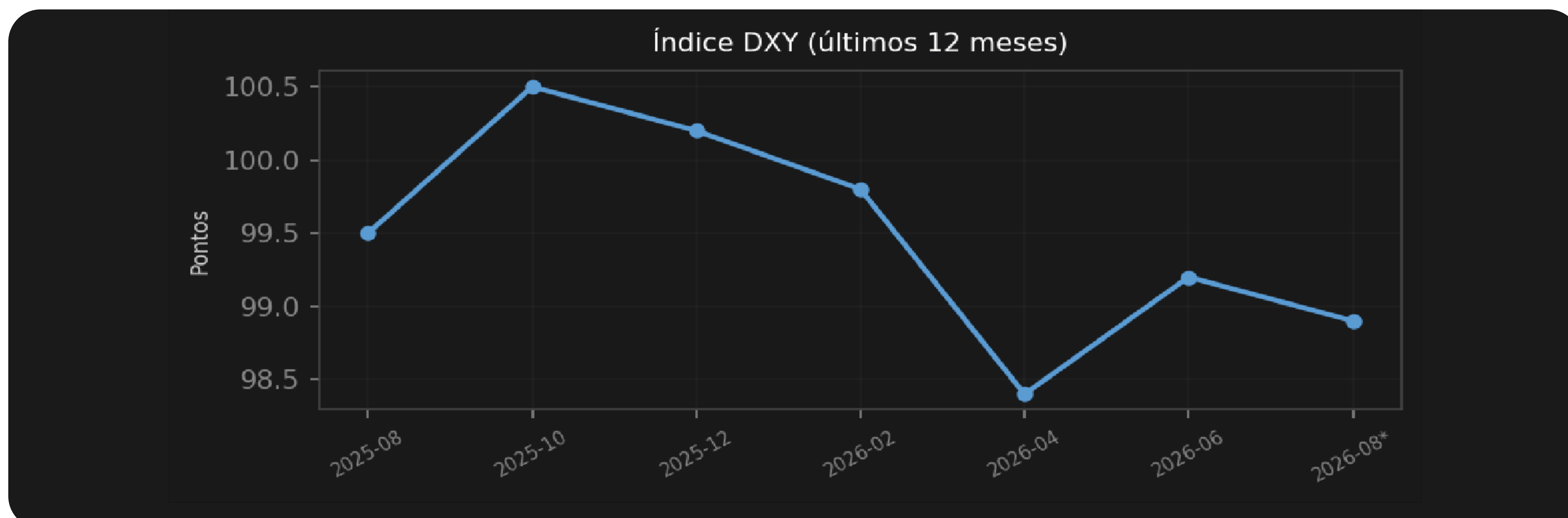
Data	Evento	Reação do mercado
28-29/07	FOMC: três diretores votam por alta	Fed manteve a fed funds rate em 3,50%-3,75%, mas a composição da votação surpreendeu: 9 votos por manutenção contra 3 por alta imediata (Hammack, Kashkari e Logan). Sinalizou que o debate interno migrou de "cortar ou manter" para um espectro que inclui possíveis altas. A mediana projetada para a fed funds rate no fim de 2026 subiu de 3,4% para 3,8% no SEP de junho.
4-5/08	Copom: corta para 14,00%, comunicado restritivo	Corte de 0,25 p.p. foi unânime e confirmou o cenário esperado. O que surpreendeu foi o texto: o BC removeu frases que abriam espaço para aceleração dos cortes e substituiu por linguagem que "estabelecerá a magnitude total do ciclo à luz de novas informações". O mercado "acertou o número e errou o clima".
11/08	Saída estrangeira de R\$ 4,72 bi em uma sessão	No pregão de 11/08, investidores estrangeiros retiraram R\$ 4,72 bilhões da bolsa em uma única sessão, em meio às crescentes preocupações eleitorais. O saldo negativo do mês já acumulava R\$ 11,9 bilhões até essa data. Citi retirou o real de sua cesta de carry trade para emergentes.
12-14/08	IBOV atinge mínimas: fechamento 167.101 em 13/08	O Ibovespa fechou em 167.101 pts em 13/08, encerrando a sequência de oito quedas consecutivas. Em 14/08, mesmo com leve recuperação no fechamento (166.934), o índice atingiu mínima intradiária de 164.835 pts. Essa sequência não ocorria desde 2009.
11/08	IPCA julho: 0,07%, acum. 12m em 4,44%	Surpresa positiva divulgada no mesmo dia da maior saída de estrangeiros. Mesmo com o Brent mais alto, combustíveis caíram: gasolina -1,37%, diesel -1,22%. Alimentos recuaram 0,67%. O dado reforçou a expectativa já incorporada no Focus de Selic em 13,75% ao fim de 2026, patamar que havia sido incorporado pelo mercado desde o Focus de 3 de agosto.
16-17/08	Casas Bahia: recuperação judicial (R\$ 17,3 bi)	A Casas Bahia apresentou pedido de recuperação judicial em 16/08, com repercussão no pregão de 17/08. A dívida declarada foi de R\$ 17,3 bilhões. A notícia pesou sobre o setor bancário, cujas instituições estão entre os principais credores. Sabesp e Banco do Brasil também divulgaram balanços abaixo do esperado em agosto. Hapvida recuou 33% em uma sessão após revisão de guidance.

21/08	Ibovespa +1,85% para 171.031 pts	Sessão positiva impulsionada por otimismo no exterior e queda do DXY para 98,83 pontos, menor nível em meses. O PMI de serviços dos EUA para agosto veio no maior nível em quase dois anos, afastando o temor de recessão americana.
26/08	PCE de julho; Nvidia reporta (após fechamento)	PCE julho (+0,2% no mês; +3,7% em 12m; core +0,2% e +3,3%): a leitura mensal ficou próxima do esperado, mas o acumulado anual veio ligeiramente acima do consenso, mantendo o debate sobre alta de juros em setembro. O Ibovespa fechou em 174.586 pts (+0,01%). Após o fechamento, a Nvidia divulgou receita recorde de US\$ 96,2 bi (+106% a/a) e lucro de US\$ 59,7 bi.

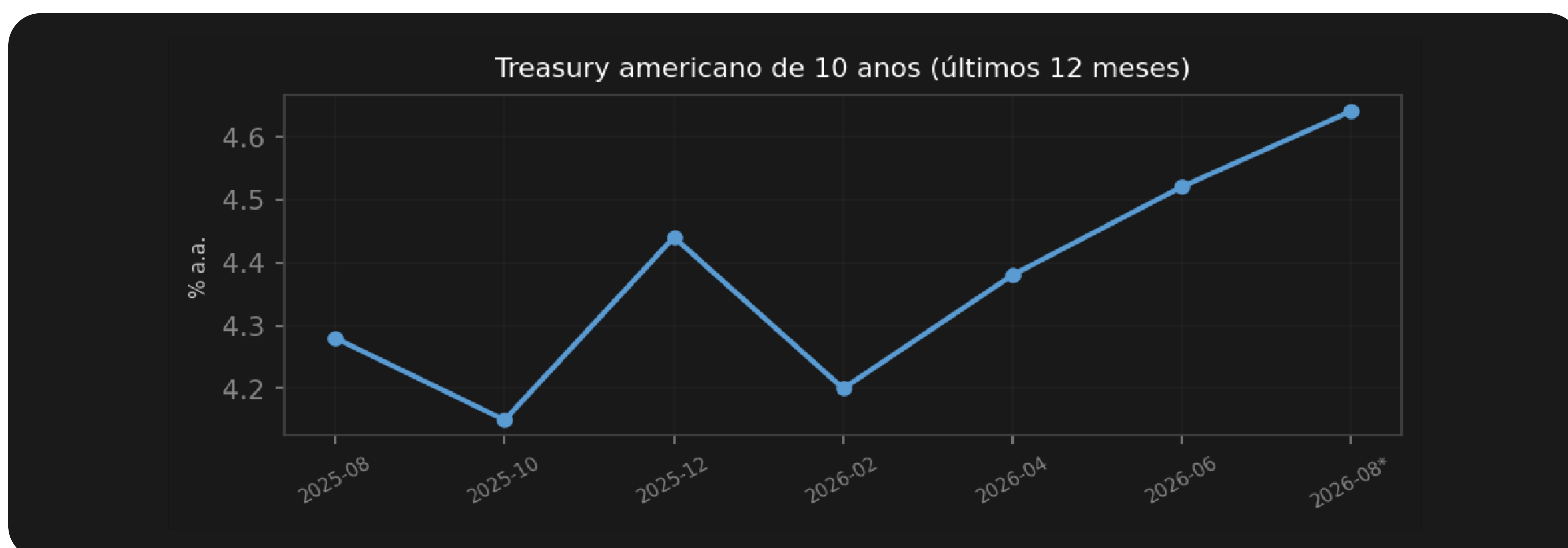
América: Fed hawkish, PMI forte e o balanço recorde da Nvidia

O mês de agosto foi marcado por uma guinada importante na narrativa do Federal Reserve. Na reunião de 28 e 29 de julho, o FOMC manteve a fed funds rate em 3,50%-3,75%, mas a composição interna da votação surpreendeu o mercado: três dirigentes, Hammack, Kashkari e Logan, votaram por uma alta imediata, sinalizando que o debate interno migrou de "cortar ou manter" para um espectro que inclui, pela primeira vez desde o início do ciclo, a possibilidade de novos aumentos. A mediana projetada para a fed funds rate no fim de 2026, conforme o SEP de junho, subiu de 3,4% para 3,8%, permanecendo como principal balizador de mercado, mas o voto de três membros por alta trouxe um grau adicional de incerteza.

A resposta dos mercados foi imediata: o DXY subiu para 101,8 pontos nos primeiros dias de agosto, antes de ceder progressivamente ao longo do mês. O alívio veio de duas frentes. Primeiro, os dados de atividade americana: o PMI de serviços de agosto atingiu o maior nível em quase dois anos, sinalizando atividade econômica ainda resiliente. Segundo, o PCE de julho, o indicador de inflação preferido do Fed, divulgado em 26 de agosto: variação de +0,2% no mês e +3,7% em 12 meses; o núcleo (core PCE) também avançou +0,2% no mês e +3,3% em 12 meses. A leitura mensal ficou próxima do esperado, mas o acumulado anual veio ligeiramente acima do consenso, e a probabilidade implícita de alta de juros em setembro chegou a subir para a faixa de 40-44% no intraday do pregão. Com esses dados, o DXY permaneceu próximo dos 99 pontos, enquanto o Treasury de 10 anos operava ao redor de 4,65%, refletindo a persistência das preocupações com inflação e juros de longo prazo.



Fonte: Yahoo Finance e Trading Economics para o DXY, com reconstrução visual própria da série de 12 meses.



Fonte: Federal Reserve H.15 e reconstrução visual própria da trajetória dos últimos 12 meses.

Nvidia: o balanço que parou os mercados globais

Após o fechamento dos mercados em 26 de agosto, a Nvidia reportou os maiores resultados trimestrais da história da companhia. A receita chegou a US\$ 96,2 bilhões, alta de 106% em relação ao mesmo período do ano anterior. O lucro líquido atingiu US\$ 59,7 bilhões, alta de 126% e bem acima dos US\$ 51,2 bilhões projetados pelo mercado. Para o trimestre seguinte, a empresa guiou US\$ 108 bilhões em receita, igualmente acima das estimativas. As ações subiram cerca de 4% no after-market americano, influenciando positivamente a expectativa para a abertura global de 27/08.

O resultado reflete a posição dominante da Nvidia no mercado de aceleradores para inteligência artificial: estima-se que metade de todos os gastos globais com data centers de IA flua diretamente para o caixa da companhia. Com investimentos em infraestrutura de IA esperados a superar US\$ 1 trilhão no próximo ano, analistas projetam que o lucro poderá chegar a US\$ 313 bilhões nos próximos exercícios, ante US\$ 215 bilhões nas vendas do ano passado, que por sua vez representaram crescimento extraordinário frente aos US\$ 27 bilhões de 2022.

A avaliação atual de US\$ 5,1 trilhões torna a Nvidia a maior empresa do mundo por valor de mercado. Ao múltiplo de cerca de 16 vezes o lucro projetado para o ano fiscal de 2028, o papel é negociado com desconto relevante frente a períodos recentes, o que parte do mercado interpreta como oportunidade, e outra parte como sinal de cautela diante dos riscos estruturais que o crescimento acelerado traz.

O ponto de atenção mais relevante para investidores institucionais é a estratégia de financiamento adotada pela companhia. Além de trabalhar com bancos de Wall Street para financiar infraestrutura de IA de seus clientes, a Nvidia assumiu compromissos contingentes de até US\$ 105 bilhões em garantias relacionadas aos contratos de leasing do megaprojeto de data centers da OpenAI em Ohio, além de aportes em Anthropic, CoreWeave, Intel, Marvell, Nebius e outros. A lógica é sustentar a demanda por seus chips, mas o modelo cria uma interdependência financeira dentro do ecossistema de IA: ao apoiar financeiramente empresas que também são compradoras de seus produtos, a Nvidia aumenta essa dependência mútua, levantando questionamentos sobre a sustentabilidade de parte dessa demanda em um eventual cenário de desaceleração dos investimentos. Se o ciclo de IA perder força, as empresas financiadas podem enfrentar dificuldades, prejudicando tanto a própria fabricante de chips quanto os bancos e fundos que a financiam.

Para o Brasil, os resultados da Nvidia têm relevância indireta mas real. O crescimento acelerado da IA eleva a demanda por energia, infraestrutura e commodities industriais, beneficiando setores como mineração e energia elétrica. O bom desempenho de tecnologia nos EUA também tende a sustentar o apetite global por risco, apoiando mercados emergentes. A divulgação após o fechamento de 26/08 significa que o efeito concreto sobre o Ibovespa deve aparecer a partir da abertura do pregão de 27/08.

Brasil: Copom, IPCA benigno e o ruído eleitoral que chegou cedo

O Copom se reuniu em 4 e 5 de agosto e cortou a Selic de 14,25% para 14,00% a.a., quarta redução consecutiva do ciclo iniciado em março. A decisão foi unânime e amplamente esperada. O que não estava no preço foi o tom do comunicado: o BC adotou linguagem mais cautelosa do que a esperada, removendo frases que abriam espaço para aceleração do ciclo e substituindo-as pela afirmação de que "a magnitude total do ciclo será estabelecida à luz de novas informações". O mercado, que havia precificado tanto o corte quanto um sinal de continuidade rápida, reagiu negativamente.

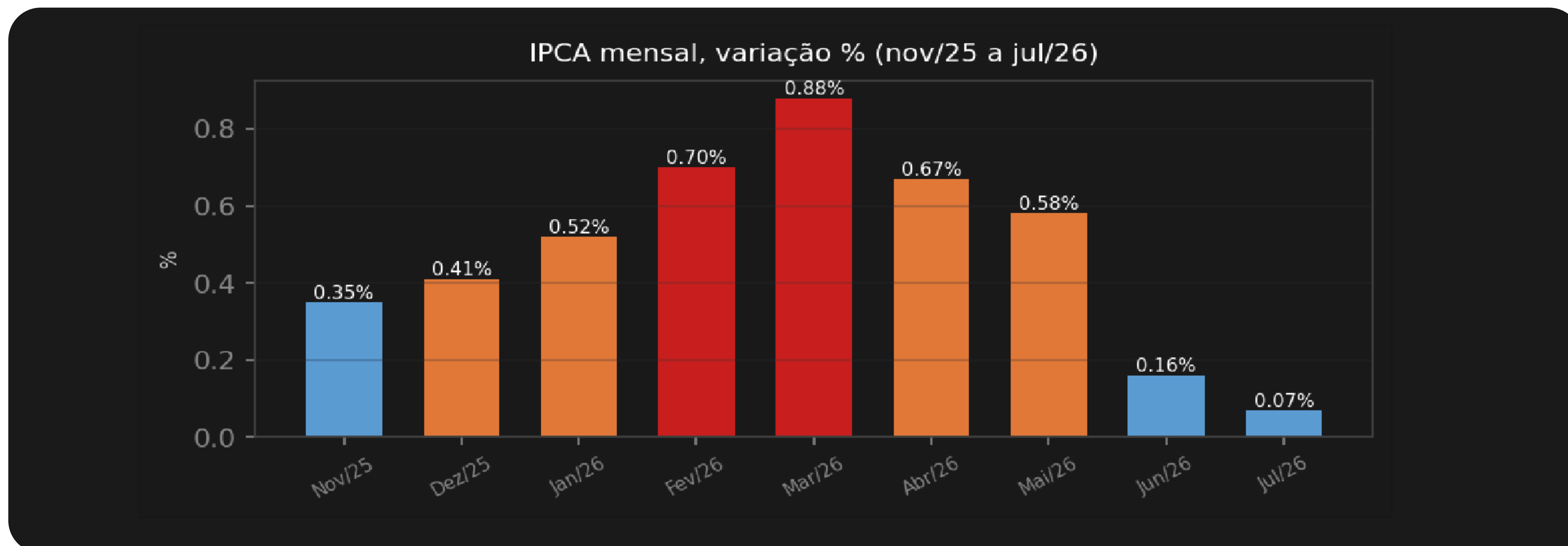
A ata, divulgada em 11 de agosto, reforçou a cautela. O BC reconheceu que o ambiente externo permanece incerto e que as expectativas de inflação para 2026 seguem acima da meta, embora em trajetória de melhora. Com a Selic em 14,00%, o juro real brasileiro (descontada a inflação de 12 meses de 4,44%) segue em torno de 9,2% a.a., ainda o maior do mundo entre as quarenta principais economias segundo levantamento da MoneYou e da Lev Intelligence.

A surpresa positiva veio do IPCA de julho, divulgado em 11 de agosto. O índice avançou apenas 0,07%, a segunda menor leitura mensal do ano, com queda de combustíveis (gasolina -1,37%, diesel -1,22%, etanol -2,26%) e alimentos (-0,67%). O único vetor de alta relevante foi o grupo Habitação (+0,99%), puxado por reajustes tarifários de energia elétrica. Em 12 meses, o IPCA recuou de 4,64% para 4,44%, confirmando que o retorno do Brent para US\$ 86-88 em julho ainda não contaminou os preços ao consumidor. O dado reforçou a expectativa já incorporada no Focus de Selic em 13,75% ao fim de 2026, patamar precificado pelo mercado desde o início de agosto, ainda antes da divulgação do IPCA.

O desempenho do Ibovespa na primeira metade do mês foi marcado por oito pregões consecutivos de queda entre 4 e 13 de agosto, sequência que não ocorria desde 2009. No pregão de 11/08, investidores estrangeiros retiraram R\$ 4,72 bilhões em uma única sessão, com o saldo negativo do mês acumulando R\$ 11,9 bilhões até essa data. O índice chegou ao fechamento de 167.101 pts em 13/08 e à mínima intradiária de 164.835 pts em 14/08.

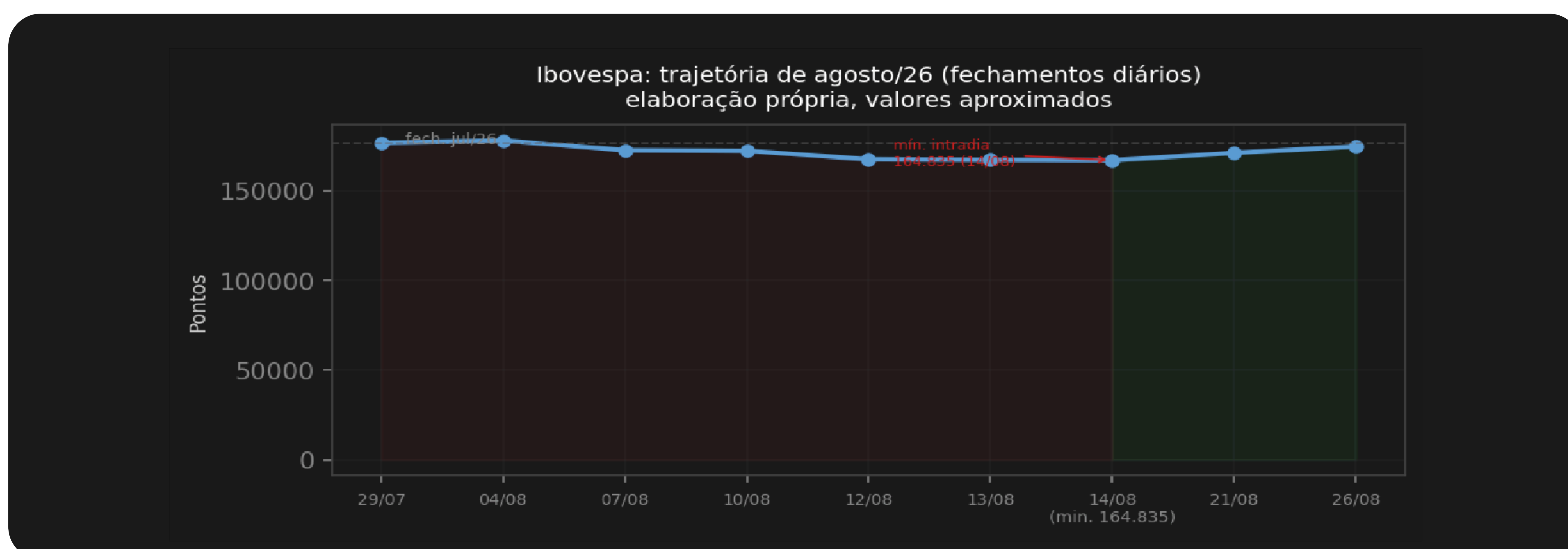
O evento corporativo mais impactante do mês veio em 16 de agosto, quando a Casas Bahia apresentou pedido de recuperação judicial com dívida declarada de R\$ 17,3 bilhões, repercutindo no pregão de 17/08 e pesando diretamente sobre as ações do setor bancário. No mesmo período, Sabesp e Banco do Brasil divulgaram resultados do 2T26 abaixo das expectativas, e a Hapvida caiu 33% em uma sessão após revisão de guidance. O conjunto desses eventos deflagrou o episódio mais agudo de aversão ao risco doméstico do ano.

Em 26 de agosto, o IBGE divulgou o IPCA-15 de agosto, a prévia da inflação do mês: queda de 0,40%, resultado que surpreendeu positivamente o mercado e reforçou a expectativa de continuidade do ciclo de cortes do Copom. O dado reforça a possibilidade de uma leitura baixa do IPCA cheio de agosto, a ser divulgado em setembro, abrindo espaço para uma interpretação mais construtiva sobre a inflação na reta final do ano.

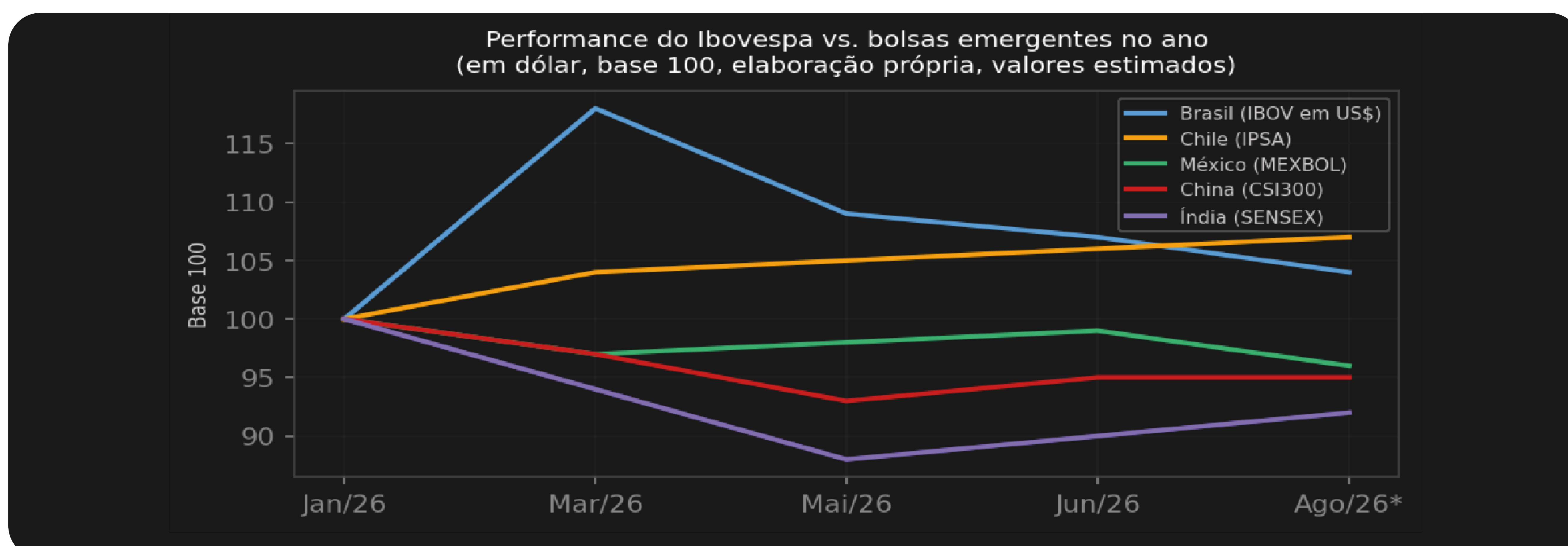


Fonte: IBGE para variação mensal do IPCA; série histórica de nov/25 a jul/26.

Bolsa em gráficos



Fonte: elaboração própria, valores aproximados e sujeitos a revisão; não constituem dado oficial da B3.



Fonte: elaboração própria, valores estimados; não constituem dado oficial de nenhuma das bolsas citadas.

1- Ibovespa acumula queda de aproximadamente -1,92% em agosto até 26/08, mas chegou à mínima intradiária de 164.835 pts em 14/08 antes de recuperar cerca de 5,9%.

2- O Brasil segue entre os mercados emergentes de melhor desempenho no acumulado do ano em dólar, apesar da correção de agosto.

3- O risco eleitoral passou a ser precificado de forma mais estrutural. O Citi retirou o real de sua cesta de carry trade, sinal de que o prêmio de risco Brasil aumentou.

4- A recuperação dos últimos dias de agosto foi global: PMI americano forte, PCE próximo do esperado e Nvidia com resultados recordes sustentaram o apetite por risco.

O que esperar para setembro

Setembro começa com um balanço mais equilibrado do que o início de agosto. O Ibovespa recuperou boa parte das perdas do início do mês, o IPCA de julho trouxe alívio para as expectativas de inflação, e os resultados da Nvidia reavivaram o apetite global por ativos de risco. Mas os riscos estruturais que derrubaram o mercado em agosto não desapareceram: o fiscal brasileiro segue sob pressão, o calendário eleitoral entra na fase de maior intensidade, e o Fed ainda carrega um viés de incerteza sobre os próximos passos.

O principal evento de setembro no Brasil será a reunião do Copom em 15 e 16 de setembro. Com a Selic em 14,00% e o IPCA de julho em 4,44% em 12 meses, o Focus projeta mais um corte de 0,25 p.p., levando a taxa para 13,75% a.a. O IPCA-15 de agosto, que veio em -0,40%, reforça essa expectativa. O debate, porém, não é sobre o corte de setembro, mas sobre se haverá cortes adicionais após ele.

No campo político, setembro será o mês mais intenso da campanha eleitoral até agora. A pesquisa Datafolha de agosto mostrou Lula com 39% das intenções no primeiro turno, contra 33% de Flávio Bolsonaro; no segundo turno, 47% a 43%. O debate fiscal ganhou dimensão própria, independente do resultado eleitoral.

Do lado externo, o FOMC de setembro está marcado para os dias 15 e 16 de setembro, coincidindo com a própria reunião do Copom brasileiro. Esse detalhe de calendário é relevante: os dois bancos centrais mais importantes para o câmbio brasileiro decidirão na mesma semana, o que tende a amplificar a volatilidade do real em qualquer direção. Com o PCE de julho próximo do esperado e o PMI de serviços forte, o cenário base é de manutenção da fed funds rate em 3,50%-3,75%, mas a postura dos três dirigentes que votaram por alta em julho permanece como um risco.

Para a bolsa, setembro tende a ser um mês de maior volatilidade do que os meses anteriores, reflexo da combinação de campanhas eleitorais com agenda densa no exterior. Em nosso cenário-base, a faixa de 170 mil a 178 mil pontos aparece como referência para o Ibovespa em setembro, sujeita principalmente à evolução do risco eleitoral e fiscal, ao fluxo estrangeiro e ao ambiente externo.

Agenda de setembro

Data	Evento	O que esperar
11/09	IPCA de agosto (IBGE)	Dado crítico para o Copom de setembro. O IPCA-15 de agosto, já divulgado em -0,40%, reforça a possibilidade de uma leitura baixa do IPCA cheio. Se confirmado, abre espaço para tom mais dovish do Copom na reunião de 15-16/09.
15-16/09	Reunião do Copom	Consenso de mercado aponta para corte de 0,25 p.p., levando a Selic de 14,00% para 13,75% a.a. O comunicado definirá se o ciclo de cortes continua em outubro ou entra em pausa. A percepção dominante é de que 13,75% pode ser o piso do ciclo atual.
15-16/09	FOMC (Federal Reserve) — simultâneo ao Copom	O FOMC de setembro está marcado para 15 e 16 de setembro, praticamente simultâneo à reunião do Copom brasileiro (15-16/09). Com PCE de julho próximo do esperado e PMI forte, o cenário base é de manutenção da fed funds rate em 3,50%-3,75%. O comunicado definirá se os três votos por alta em julho ganharam ou perderam força. A coincidência dos dois bancos centrais na mesma semana tende a amplificar a volatilidade de câmbio.
Ao longo de set	Campanhas eleitorais e propostas fiscais	Setembro é o mês de maior intensidade das campanhas antes do primeiro turno de outubro. O mercado monitorará de perto as propostas de política fiscal de cada candidato, especialmente em relação ao arcabouço fiscal e à trajetória da dívida pública.
Ao longo de set	Resultados do 2T26 (temporada ainda em curso)	Empresas que ainda não divulgaram o 2T26 completarão a temporada. A reação de Sabesp e Banco do Brasil aos seus balanços abaixo do esperado em agosto será um sinal de como o mercado punirá ou premiará os resultados corporativos num ambiente de maior pressão vendedora.

Esta prévia contempla os dados disponíveis até 26/08/2026. O relatório completo de agosto, incluindo a análise de retrospectiva completa e a carteira recomendada para setembro, será publicado ao final do mês.

Disclaimers e Informações Importantes

As opiniões aqui expressas refletem o entendimento pessoal e independente do Diretor de Análise MARCOS FELIPE MARTINS DA SILVA PRAÇA, CNPI-T (EM-9505), inclusive em relação à pessoa jurídica à qual está vinculado. Este relatório não constitui oferta nem garantia de resultado, e o investidor é o único responsável por suas decisões.

A Zero Markets Brasil Consultoria e Análise de Valores Mobiliários LDTA, CNPJ 56.964.932/0001-09, credenciada perante a APIMEC Brasil, declara, nos termos do art. 22 da Resolução CVM nº 20/2021, não haver situação que afete a imparcialidade deste relatório ou configure conflito de interesses, ressalvado o que, se existente, será divulgado no próprio relatório.